

RÁDIO CLUBE DO BRASIL

Emissora de rádio carioca, inaugurada em 1º de outubro de 1924, uma das primeiras no Brasil e a segunda no Rio de Janeiro. Quando a Rádio Clube do Brasil começou a funcionar, já existiam a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, a Rádio Clube de Pernambuco, a Rádio Clube do Paraná e a Rádio Educadora Paulista. A Rádio Clube do Brasil foi fundada pelo campista Elba Dias, funcionário dos Telégrafos, que havia recebido autorização do governo para adaptar uma emissora telegráfica de quinhentos watts, dando início à nova rádio, instalada em frente ao largo da Carioca, no alto da Livraria Globo. Operava sob as mesmas condições das emissoras da época, que, no início do rádio no Brasil, funcionavam como associações ou clubes, sobrevivendo da contribuição financeira dos ouvintes, que também participavam emprestando discos.

Em 1926 foram iniciadas as transmissões em cadeia entre a Rádio Clube do Brasil, no Rio, e a Rádio Educadora, de São Paulo. Posteriormente, no início dos anos 1930, a Record paulista e a Mayrink Veiga, carioca, também estabeleceram programas em cadeia de forma mais efetiva. No dia 2 de janeiro de 1930, a Rádio Clube do Brasil transmitiu, da Esplanada do Castelo no Rio de Janeiro, o primeiro grande comício da Aliança Liberal, durante o qual Getúlio Vargas apresentou sua plataforma eleitoral. Foi a primeira vez que o rádio foi utilizado como veículo de propaganda política no Brasil.

No início da década de 1930, quando a radiodifusão brasileira começou a ganhar um perfil mais comercial e a se popularizar (com a autorização oficial para a veiculação de anúncios, em 1932), a Rádio Clube do Brasil disputava a preferência dos ouvintes do Rio de Janeiro com a Rádio Philips do Brasil, a Rádio Sociedade, a Rádio Mayrink Veiga e a Rádio Educadora. Waldo de Abreu, que mantinha o *Esplêndido programa* na Rádio Clube, improvisava no ar histórias para exaltar as qualidades dos produtos anunciados e enaltecer as excelências dos patrocinadores.

Em 12 de julho de 1933, participou da primeira greve de emissoras radiofônicas no Brasil. Naquela data, a Rádio Clube, a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, a Rádio Philips e a Rádio Educadora, entre outras, saíram do ar em represália a uma medida tomada pelas sociedades arrecadadoras, considerada exagerada: a cobrança dos direitos autorais.

A Rádio Clube do Brasil foi a pioneira nas transmissões esportivas, com as irradiações de Amador Santos. Em 1938, o Cassino da Urca investiu duzentos contos de réis para patrocinar a transmissão direta e exclusiva da Copa do Mundo daquele ano, realizada na França, através da voz de Gagliano Neto e pelas ondas da Rádio Clube do Brasil. A rádio fazia então parte das Emissoras Byington, de Alberto Byington Júnior, uma cadeia que incluía também as rádios Cruzeiro do Sul do Rio e de São Paulo e a Rádio Kosmos paulista. Sob o comando de Alberto Byington Júnior, a Rádio Clube do Brasil — então com o prefixo PRA-3 — foi transferida para a avenida Rio Branco, nº 181.

A Rádio Clube do Brasil foi a primeira emissora em que trabalhou César de Alencar, um dos mais famosos radialistas brasileiros. Em 1938 César de Alencar começou como assistente de Renato Murce, locutor esportivo e diretor artístico da estação durante oito anos. César de Alencar acabou se tornando locutor esportivo, chegando a locutor-chefe da rádio na década seguinte. Já em 1939 apresentou seus primeiros programas individuais na Rádio Clube, como *A hora dos bairros* e *Broadway melody*.

No final dos anos 1930, o diretor Gagliano Neto tentou formar nas emissoras Byington um enorme *cast* com os grandes nomes do rádio daquele tempo. Gagliano Neto contratou Francisco Alves, Linda e Dircinha Batista, as irmãs Pagãs e o conjunto regional de Benedito Lacerda, entre outros. Mas as emissoras não conseguiram manter todas as contratações, fracasso que levou à saída do diretor.

Na década de 1940, alguns dos programas de maior sucesso foram: *Audições Matias Rosa*, patrocinado pelas Casas Pernambucanas, *Mundo de atrações* e *Bazar de novidades*, programas de auditório com João de Freitas, *Música e romance*, rádio-teatro musicado, com originais de Sílvia Regina e colaboração de Dilermando Reis e José Maria de Abreu, *Fim-de-semana*, programa de auditório com Aérton Perlingeiro, o humorístico *Cadeira de barbeiro*, apresentado por Aluísio Silva Araújo, sob o patrocínio da revista *O Cruzeiro*, os programas esportivos apresentados por Arnaldo Amaral e o noticiário na voz de Galhardo Guyanaz. *Papel carbono* — uma espécie de programa de calouros criado por Renato Murce, em que iniciantes faziam imitações de artistas consagrados — revelou vários talentos, como Luís Gonzaga, Baden Powell e José Vasconcelos.

Durante o período do Estado Novo, o programa *Cenas escolares*, dirigido por Renato Murce, foi proibido pelo Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), sob a alegação de que o modelo humorístico de escola ali apresentado funcionava como um mau exemplo para os ouvintes. Proibido o programa, Murce conseguiu ludibriar os censores, apresentando-o sob novo formato e título, passando a se chamar *Piadas do Manduca*. O personagem Manduca era interpretado pelo comediante Lauro Borges e o sucesso levou o programa a ficar 25 anos no ar. Lauro Borges e Castro Barbosa desenvolveram na Rádio Clube o programa *PRK-20*, que originou o programa *PRK-30*, de grande sucesso nas rádios Mayrink Veiga e Nacional, quando os dois comediantes se transferiram para estas emissoras, e uma referência do humor radiofônico brasileiro.

Em 1942, durante a Segunda Guerra Mundial, Renato Murce escreveu um programa que ridicularizava o nazismo e o fascismo. Era uma paródia da peça *A ceia dos cardeais*, de Júlio Dantas, e que foi denominada *O regabofe dos Vândalos*. Veiculado pela Rádio Clube, o programa causou impacto, sendo retransmitido por emissoras de outras cidades. Esta repercussão levou a Rádio Clube a publicar o programa em folhetos, cujo lucro da venda foi destinado à Cruz Vermelha Brasileira. No ano seguinte, Renato Murce e o maestro Arnold Gluckmann (um alemão antinazista) criaram um novo programa, *A epopéia do mundo*, também motivado pelos acontecimentos internacionais. Novamente, a bem-sucedida venda de folhetos foi revertida para os fundos da Cruz Vermelha. Ainda durante a Segunda Guerra, a Rádio Clube do Brasil promoveu campanhas de apoio aos pracinhas brasileiros na Europa, como a “Campanha do Milhão”, em que a emissora se comprometeu a arrecadar um milhão de cigarros para os soldados da Força Expedicionária Brasileira (FEB). Em apenas um mês, a Rádio Clube superou o número previsto.

No princípio de 1945, já na crise final do Estado Novo, o ministro Souza Costa sugeriu ao empresário Hugo Borghi que este comprasse a Rádio Clube do Brasil e as rádios Cruzeiro do Sul do Rio e de São Paulo, que estavam à venda, e as convertesse em instrumento de defesa do governo. Para tanto, Borghi recebeu uma contribuição governamental de cinco milhões de cruzeiros. Passou então a escrever artigos e a falar pelo rádio, arrendando ainda outras emissoras e formando uma cadeia nacional de 130 estações coligadas. Borghi colocou suas emissoras a serviço do Movimento Queremista, a partir de sua formação em junho de 1945.

Com a queda de Vargas em outubro de 1945, Borghi investiu seu poderio radiofônico em favor da candidatura do general Dutra à presidência da República. Foi de autoria de Borghi a afirmação de que o brigadeiro Eduardo Gomes teria declarado não precisar dos votos dos “marmiteiros”. Na verdade, Borghi aproveitou um discurso de Eduardo Gomes, caracterizando o brigadeiro como uma figura política antipopular.

O poder de mobilização do rádio brasileiro no período ficou evidente em 1947, quando da realização das primeiras eleições para a Câmara Municipal do Distrito Federal após a queda do Estado Novo. Radialistas de diferentes emissoras foram eleitos vereadores, entre eles Sagramor de Scuvero, da Rádio Clube do Brasil, que saiu candidata pelo Partido Trabalhista Brasileiro (PTB).

Na classificação do IBOPE em 1950, a Rádio Clube do Brasil aparecia em décimo lugar no *ranking* da preferência dos ouvintes no Rio de Janeiro, com apenas 2% do total, o que indica seu declínio. Nos três primeiros lugares figuravam a Rádio Nacional, a Rádio Tupi e a Rádio Tamoio, com — respectivamente — 34%, 20% e 10,3% do total. Em 1951, o faturamento da Rádio Clube do Brasil com propaganda somava 4,8 milhões de cruzeiros, enquanto as rádios maiores, como a Nacional e a Tupi, alcançavam 50 milhões e 24 milhões, nesta ordem.

Em 1951 a Rádio Clube do Brasil foi adquirida por Samuel Wainer, dono do jornal governista *Última Hora*. Hugo Borghi havia contraído dívidas junto ao Banco do Brasil para a importação de equipamentos para a emissora e então encontrava-se em dificuldades financeiras. Wainer assumiu a rádio e seus débitos, tendo ao seu lado, como principais acionistas, Lutero Vargas, Mário de Oliveira Brandão e Luís Fernando Bocaiúva Cunha. A nova diretoria era formada por Wainer (diretor-presidente), Júlio Cosi (diretor-superintendente), Orlando Forin (diretor comercial) e Arnaldo Amaral (diretor artístico). Nesta época, além dos estúdios no centro do Rio de Janeiro, a rádio possuía um terreno à margem da rodovia Rio-São Paulo, onde se erguia uma torre de 50kw.

Em 1952, o superintendente passou a ser Sérgio Vasconcelos e o escritor e jornalista Marques Rebelo assumiu o controle acionário da emissora, em uma estratégia de Wainer para driblar seus inimigos políticos. Carlos Lacerda e Assis Chateaubriand acusavam Wainer de ter sido beneficiado com financiamentos ilícitos pelo presidente

Getúlio Vargas, na aquisição da Rádio Clube e na fundação do jornal *Última Hora*. Carlos Lacerda liderou uma campanha contra Samuel Wainer que culminou com a instalação de uma comissão parlamentar de inquérito (CPI) na Câmara dos Deputados, em abril de 1953, para apurar as transações feitas pelas empresas de Wainer. A CPI na verdade buscava elementos para envolver Vargas na concessão do empréstimo do Banco do Brasil e com base nessa relação pedir o *impeachment* do presidente. A CPI concluiu que o financiamento se realizara à margem das condições normais, o que obrigou Wainer a quitar sua dívida. No entanto, a CPI não comprovou nenhum envolvimento de Vargas.

Ainda em 1953, Lacerda e Chateaubriand descobriram irregularidades no processo de transmissão das ações de Wainer para Marques Rebelo, o que pressionou Vargas a confiscar a concessão da rádio, que foi repassada a Emílio Carlos Kyrillos, então deputado federal por São Paulo na legenda do Partido Trabalhista Nacional (PTN). Assim, em 1953 a Rádio Clube do Brasil deixou de existir, surgindo em seu lugar a Rádio Mundial, que absorveu parte de seus funcionários. A direção da Mundial foi formada por Arnaldo Amaral (diretor-secretário e de *broadcasting*) e Orlando Forin (diretor comercial), integrantes da extinta Rádio Clube, além de Salim Mansur (tesoureiro), Luís Quirino (diretor artístico) e Raul Longras (diretor da equipe esportiva).

Carla Siqueira

FONTES: *Anuário do Rádio-Revista PN* (3/50, 8/51, 10/52, 1954); BRANCO, R. C. *História*; CASÉ, R. *Programa*; *O livro branco de Última Hora contra a imprensa amarela* (1953); MOREIRA, S. V. *O rádio*; MURCE, R. *Nos bastidores*; *Nosso século*; *Revista Alô — Tudo de Rádio* (1949); *Revista Carioca RJ* (1937); *Revista Rádio Ilustrado* (1954); *Revista Radiolândia* (1953, 1954); SAMPAIO, M. F. *História*; WAINER, S. *Minha*.